

## Nietzsche: construção do pensamento

### Resumo

---

#### Friedrich Wilhelm Nietzsche

Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844 - 1900) foi um grande filósofo alemão, tendo escrito textos sobre a religião, a moral, a cultura contemporânea, filosofia e ciência. Todo o pensamento nietzschiano se fundamenta num resgate das forças vitais e instintivas do homem, que foram submetidas à razão ao longo da tradição filosófica que remonta, em última instância, à figura de Sócrates. Nietzsche reconhece a importância da leitura da filosofia de Schopenhauer para a formulação do seu pensamento, sobretudo no que se refere à crítica à metafísica tradicional e à importância que a arte assume para ambos. Sócrates será criticado por Nietzsche justamente por ter sido, segundo ele, o primeiro a submeter as paixões humanas ao controle racional. Séculos após Sócrates, o Cristianismo irá se apropriar dessa ideia, propiciando uma certa “domesticação” do ser humano que será muito criticada pelo filósofo alemão.

O ser humano, na medida em que é guiado pela moral tradicional, se enfraquece, vai perdendo sua “vitalidade”, torna-se culpado e doente. Contra a moral tradicional, Nietzsche propõe a transvaloração de todos os valores, ou seja, seria preciso questionar qual é o valor dos próprios valores que guiam as nossas condutas. Assim, noções de “bem” e “mal”, que são os princípios básicos da moral tradicional também deveriam ser avaliados, pois sua legitimidade não pode estar instituída a partir de um mundo superior. Esses valores devem ser avaliados tendo como “valores humanos”, e o filósofo deve se perguntar se eles aumentam a nossa vitalidade ou se, inversamente, esses valores servem para nos enfraquecer, para nos fazer perder a vitalidade. É a partir desse ponto de vista que os valores, segundo Nietzsche, devem ser avaliados.

A característica que todos os seres vivos possuem é, segundo Nietzsche, a vontade de potência ou vontade de poder. Poder aqui é entendido como força, poder ou capacidade. Nesse sentido, quanto mais podemos realizar as nossas potências tanto melhor, pois, assim teremos uma maior vitalidade, uma maior força. Já quando não realizamos as nossas potências, nos enfraquecemos, perdemos a vitalidade. Assim, é bom tudo aquilo que aumenta a nossa potência, enquanto é mau tudo aquilo que diminui a nossa potência.

## Exercícios

---

1. Convicção é a crença de estar na posse da verdade absoluta. Essa crença pressupõe que há verdades absolutas, que foram encontrados métodos perfeitos para chegar a elas e que todo aquele que tem convicções se serve desses métodos perfeitos. Esses três pressupostos demonstram que o homem das convicções está na idade da inocência, e é uma criança, por adulto que seja quanto ao mais. Mas milênios viveram nesses pressupostos infantis, e deles jorraram as mais poderosas fontes de força da humanidade. Se, entretanto, todos aqueles que faziam uma ideia tão alta de sua convicção houvessem dedicado apenas metade de sua força para investigar por que caminho haviam chegado a ela: que aspecto pacífico teria a história da humanidade!

(Nietzsche. *Obras incompletas*, 1991. Adaptado.)

Nesse excerto, Nietzsche

- a) defende o inatismo metafísico contra as teses empiristas sobre o conhecimento.
  - b) valoriza a posse da verdade absoluta como meio para a realização da paz.
  - c) defende a fé religiosa como alicerce para o pensamento crítico.
  - d) identifica a maturidade intelectual com a capacidade de conhecer a verdade absoluta.
  - e) valoriza uma postura crítica de autorreflexão, em oposição ao dogmatismo.
2. Considere os seguintes excertos:
- “Dionísio já havia sido afugentado do palco trágico e o fora através do poder demoníaco que falava pela boca de Eurípedes. Também Eurípedes foi, em certo sentido, apenas máscara: a divindade, que falava por sua boca, não era Dionísio, tampouco Apolo, porém um demônio de recentíssimo nascimento, chamado Sócrates”.

Nietzsche, F. *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

“O Nascimento da tragédia tem dois objetivos principais: a crítica da racionalidade conceitual instaurada na filosofia por Sócrates e Platão; a apresentação da arte trágica, expressão das pulsões artísticas dionisíaca e apolínea, como alternativa à racionalidade”.

Machado, R. “Arte e filosofia no Zarastustra de Nietzsche” In: Novaes, A. (org.) *Artepensamento*. São Paulo. Companhia das Letras, 1994.

Os trechos acima aludem diretamente à crítica nietzschiana referente à atitude estética que

- a) subordina a beleza à racionalidade.
- b) cultua os antigos em detrimento do contemporâneo.
- c) privilegia o cômico ao trágico.
- d) concebe o gosto como processo social.
- e) glorifica o gênio em detrimento da composição calculada.

3. Jamais um homem fez algo apenas para outros e sem qualquer motivo pessoal. E como poderia fazer algo que fosse sem referência a ele próprio, ou seja, sem uma necessidade interna? Como poderia o ego agir sem ego? Se um homem desejasse ser todo amor como aquele Deus, fazer e querer tudo para os outros e nada para si, isto pressupõe que o outro seja egoísta o bastante para sempre aceitar esse sacrifício, esse viver para ele: de modo que os homens do amor e do sacrifício têm interesse em que continuem existindo os egoístas sem amor e incapazes de sacrifício, e a suprema moralidade, para poder subsistir, teria de requerer a existência da imoralidade, com o que, então, suprimiria a si mesma.

(Friedrich Nietzsche. *Humano, demasiado humano*, 2005. Adaptado.)

A reflexão do filósofo sobre a condição humana apresenta pressupostos

- a) psicológicos, baseados na crítica da inconsistência subjetiva da moral cristã.
- b) cartesianos, baseados na ideia inata da existência de Deus na substância pensante.
- c) estoicistas, exaltadores da apatia emocional como ideal de uma vida sábia.
- d) éticos, defensores de princípios universais para orientar a conduta humana.
- e) metafísicos, uma vez que é alicerçada no mundo inteligível platônico.

4. “O homem projetou em torno de si seus três dados interiores, nos quais cria firmemente: a vontade, o espírito e o eu. Primeiramente, deduzo a noção do ser da noção do eu, representando-se as coisas como existentes a sua imagem e semelhança, de acordo com sua noção do eu enquanto causa. Que tem de estranho que depois tenha encontrado nas coisas apenas aquilo que eu mesmo tinha colocado nelas?”

O fragmento acima representa uma

- a) descrição da máxima nietzschiana fundada na ideia da vontade de poder, em que “o poder nos leva a acreditar num mundo objetivamente construído”, o que se constitui no erro da causalidade.
- b) crítica ferrenha de Nietzsche a toda manifestação apolínea fundada na subjetividade ou na construção do eu a partir de uma vontade imanente declarada no erro da confusão entre a causa e o efeito.
- c) posição nietzschiana sobre as causas imaginárias, que revela o fracasso da existência humana a partir da crença que nutrimos em relação ao eu e ao ser e ao ordenamento que insistimos em dar para as coisas reafirmadas num *logos*.
- d) consideração na qual Nietzsche aprofunda as suas convicções acerca do erro como causalidade falsa e repercute a ideia da crença que temos num mundo interior repleto de fantasmas e de reflexos enganosos.

5. Nietzsche estampa a sua inconformidade e indignação quanto ao homem que se deixa levar pelos valores morais e religiosos instituídos. Assinale a alternativa que **CORRETAMENTE** corrobora essa afirmação.
- a) "Hoje não desejamos o gado moral nem a ventura gorda da consciência".
  - b) "O verme se retrai quando é pisado. Isso indica sabedoria. Dessa forma ele reduz a chance de ser pisado de novo. Na linguagem da moral: a humildade".
  - c) "À força de querer buscar as origens nos tornamos caranguejos. O historiador olha para trás e acaba crendo para trás".
  - d) "Há um ódio contra a mentira e a dissimulação que procede duma sensível noção de honra; há outro ódio semelhante por covardia, já que a mentira é interdita pela lei divina. Ser covarde demais para mentir...".

6. "Em algum remoto rincão do sistema solar cintilante em que se derrama um sem-número de sistemas solares, havia uma vez um astro em que animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais soberbo e mais mentiroso da história universal: mas também foi somente um minuto. Passados poucos fôlegos da natureza congelou-se o astro, e os animais inteligentes tiveram de morrer. - Assim poderia alguém inventar uma fábula e nem por isso teria ilustrado suficientemente quão lamentável, quão fantasmagórico e fugaz, quão sem finalidade e gratuito fica o intelecto humano dentro da natureza. Houve eternidades em que ele não estava; quando de novo ele tiver passado, nada terá acontecido. Ao contrário, ele é humano, e somente seu possuidor e genitor o toma tão pateticamente, como se os gonzo do mundo girassem nele. Mas se pudéssemos entender-nos com a mosca, perceberíamos então que também ela boia no ar [...] e sente em si o centro voante deste mundo".

(NIETZSCHE. O Livro das Citações, 2008.)

Sobre o texto, é correto afirmar que:

- a) Seu teor acerca do lugar da humanidade na história do universo é antropocêntrico.
  - b) O autor revela uma visão de mundo cristã.
  - c) O autor apresenta uma visão cética acerca da importância da humanidade na história do universo.
  - d) Ao comparar a vida humana com a vida de uma mosca, Nietzsche corrobora os fundamentos de diversas teologias, não se limitando ao ponto de vista cristão.
  - e) Para o filósofo, a vida humana é eterna.
7. Segundo Nietzsche, o *pathos* da nobreza e da distância, o duradouro, dominante sentimento global de uma elevada estirpe senhorial, em sua relação com uma estirpe baixa, é a origem da oposição entre:
- a) "utilidade" e "costume".
  - b) "bom" e "ruim".
  - c) "vulgo" e "nobreza".
  - d) "egoísmo" e "domínio".

8. Sobre os impulsos estéticos que se unem de modo específico na Tragédia, diz Nietzsche: “Teremos ganho muito a favor da ciência estética se chegarmos não apenas à inteligência lógica, mas à certeza imediata da intuição [*Anschauung*] de que o contínuo desenvolvimento da arte está ligado à duplicidade do *apolíneo* e do *dionisíaco*, da mesma maneira como a procriação depende da dualidade dos sexos, em que a luta é incessante e onde intervêm periódicas reconciliações”.

Sobre o pensamento trágico de Nietzsche, é incorreto afirmar que

- a) há dois impulsos artísticos: o apolíneo (artes plásticas, diálogo) e o dionisíaco (música).
  - b) o apolíneo e o dionisíaco são também impulsos cósmicos.
  - c) esses dois impulsos estão frequentemente em luta, mas, periodicamente, reconciliam-se.
  - d) a tragédia é formada pela reconciliação desses dois impulsos: diálogo (apolíneo) e coro musical (dionisíaco).
  - e) para apreendermos esses dois impulsos, devemos utilizar apenas a intuição (*Anschauung*).
9. Depois de ter lido atentamente a letra da música “Comida” dos Titãs (composição de Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer, Sérgio Britto), assinale a alternativa incorreta:

A gente não quer  
Só dinheiro  
A gente quer dinheiro  
E felicidade  
A gente não quer  
Só dinheiro  
A gente quer inteiro  
E não pela metade...

Diversão e arte  
Para qualquer parte  
Diversão, balé  
Como a vida quer  
Desejo, necessidade, vontade  
Necessidade, desejo, eh!  
Necessidade, vontade, eh!  
Necessidade...

- a) Sócrates foi o primeiro filósofo ocidental a se preocupar com as temáticas éticas. Todavia, ele concebia a ética como atividade racional.
- b) Com Santo Agostinho o papel da vontade começa a ser discutido como determinante das ações humanas.
- c) Aristóteles, criticando Sócrates e Platão, desenvolveu uma teoria da vontade, considerando como boa vontade aquela que leva ao conhecimento de deus, como ato puro.
- d) Na contemporaneidade Nietzsche desenvolve uma ética voluntarista ressaltando o papel da vontade como força de criação e vida.
- e) Spinoza escreveu sobre a importância da vontade quando desenvolveu sua ética do *conatus*.

**10.** Leia atentamente o texto a seguir.

Na filosofia de Parmênides preludia-se o tema da ontologia. A experiência não lhe apresentava em nenhuma parte um ser tal como ele o pensava, mas, do fato que podia pensá-lo, ele concluía que ele precisava existir: uma conclusão que repousa sobre o pressuposto de que nós temos um órgão de conhecimento que vai à essência das coisas e é independente da experiência. Segundo Parmênides, o elemento de nosso pensamento não está presente na intuição, mas é trazido de outra parte, de um mundo extrassensível ao qual nós temos um acesso direto através do pensamento.

NIETZSCHE, Friedrich. *A filosofia na época trágica dos gregos*. Trad. Carlos A. R. de Moura. In *Os pré-socráticos*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 151. Coleção Os Pensadores

Marque a alternativa **INCORRETA**.

- a) Para Parmênides, o Ser e a Verdade coincidem, porque é impossível a Verdade residir naquilo que Não-é: somente o Ser pode ser pensado e dito.
- b) Pode-se afirmar com segurança que Parmênides rejeita a experiência como fonte da verdade, pois, para ele, o Ser não pode ser percebido pelos sentidos.
- c) Parmênides é nitidamente um pensador empirista, pois afirma que a verdade só pode ser acessada por meio dos sentidos.
- d) O pensamento, para Parmênides, é o meio adequado para se chegar à essência das coisas, ao Ser, porque os dados dos sentidos não são suficientes para apreender a essência.

## Gabarito

---

1. **E**

Nietzsche propõe uma perspectiva epistemológica em que a existência de uma verdade absoluta é avaliada a partir de uma postura crítica e autorreflexiva, o que leva ao questionamento acerca da possibilidade de se atingir quaisquer convicções, perspectiva esta que representa uma oposição radical ao dogmatismo.

2. **A**

A estética socrática relaciona a arte à lógica, uma vez que, para Sócrates, a produção artística deve ter como essência uma postura crítica racional, subordinando a ideia de beleza à de racionalidade. Já para Nietzsche, a estética não se limita à verificação do que é lógico, mas se relaciona ao subjetivo, ou seja, à essência do indivíduo. Assim, Nietzsche faz uma crítica à atitude estética proposta por Sócrates, defendendo a estética como expressão de pulsões artísticas que não estariam subordinadas à racionalidade conceitual.

3. **A**

Para o filósofo, a condição humana se mostra inconsistente com os princípios da moral cristã. Assim, a partir de aspectos psicológicos do ser humano, Nietzsche faz uma crítica à aplicação dos valores cristãos à conduta humana.

4. **D**

A alternativa [D] é a única correta. A citação do enunciado está inserida na explicação de Nietzsche a respeito do erro como causalidade falsa. Com isso, Nietzsche põe em questão a noção de vontade, bem como faz uma crítica às interpretações da psicologia.

5. **A**

O homem que se deixa levar pelos valores morais e religiosos instituídos, na terminologia de Nietzsche, corresponde ao rebanho, ao gado moral, que valoriza a fraqueza e o rebaixamento. Em oposição a isso, Nietzsche afirma a vontade de potência que constitui o super-homem.

6. **C**

A alternativa C é a única correta, pois a citação demonstra que Nietzsche critica justamente o antropocentrismo, isto é, a visão na qual o Homem ocupa o centro das atenções em relação não só à Natureza, mas também em relação ao Universo (alternativa A). Do mesmo modo, o autor não poderia revelar aí uma visão de mundo cristã (alternativa B), pois esta também é antropocêntrica. A comparação da vida humana com a vida de uma mosca (alternativa D) serve não para contemplar outras teologias, mas sim para demonstrar a relatividade da importância da vida humana. Por fim, a alternativa E é desmentida na seguinte passagem: "Houve eternidades em que ele (o intelecto humano) não estava; quando de novo ele tiver passado, nada terá acontecido".

7. B

A presente questão faz referência a uma citação retirada da obra *Genealogia da Moral*, de F. Nietzsche. Analisando a origem das noções de bom e de ruim, Nietzsche rejeita a ideia de que tais noções possuem sua origem na utilidade. Para ele, foram “os nobres, poderosos, superiores em posição e pensamento que sentiram e estabeleceram a si e a seus atos como bons”, em oposição àquilo que era baixo e plebeu.

8. E

Ainda que valorize a intuição, Nietzsche não despreza a inteligência lógica do espírito apolíneo. De fato, segundo ele, é somente na duplicidade entre espírito apolíneo e dionisíaco que a arte é formada, como bem afirma a alternativa [D].

9. C

A ideia de boa vontade como algo que conduz ao conhecimento de Deus é cristã, e não aristotélica. Na argumentação do filósofo grego, a boa vontade aparece quando ele descreve a amizade, não sendo utilizada para criticar Sócrates ou Platão.

10. C

“Nós temos **um órgão de conhecimento** que vai à essência das coisas e é **independente da experiência**”. Tal argumento é justamente o oposto de um pressuposto empirista. Sendo assim, se deduz facilmente que a alternativa [C] é a única incorreta.